

Paisagem vivida, paisagem viva – percorrendo a paisagem rural maiata

José Maia Marques

O estudo da paisagem é, desde há alguns anos, encarado como uma tarefa eminentemente interdisciplinar. A Geografia, a Estética, a Arqueologia, a Antropologia, a Arquitectura e Urbanismo, o Planeamento, a Ética, são áreas disciplinares decisivas para esse estudo. Hoje, junta-se-lhes, com um forte peso, a Etnografia da paisagem, possuidora de instrumentos de análise que lhe permitem contribuir para ampliar, reunir os horizontes culturais e, criticamente, reflectir sobre os referentes teóricos, ao mesmo tempo que procura relacioná-los com a prática.

Em plena Maia do séc. XXI há ainda muita paisagem rural. Casas de lavoura com o seu complexo de construções anexas pontuam áreas mais ou menos extensas de campos de cultivo, de pastagens, de bouça, numa construção que é verdadeira manta de retalhos em termos morfológicos, mas unidade em termos etno-antropológicos.

Essa área de paisagem é a área da família, no sentido pleno do termo, que muitas vezes habita ainda a casa que os seus antepassados construíram no séc. XVIII ou mesmo antes, e que sempre se manteve na família graças ao morgadio, visível ou encapotado.

Essa paisagem é entrecortada (e enriquecida) por vários exemplares arquitectónicos de diferentes funcionalidades e “estilos”, das igrejas barrocas com sua talha, sua torre, seus sinos, comandando com os seus toques o dia de trabalho, à casa dos brasileiros que constituem uma ruptura estética com a paisagem, mas que, quer no aspecto sociológico quer tecnológico e decorativo, trazem novidades e apontam um futuro.

Com esta comunicação pretende-se então apresentar como «cenário» a paisagem rural da Maia, como «adereços» as peças de arquitectura vernacular e como actores os habitantes dessa Maia rural que, em 1960 não diferia muito da de 1860.

A articulação entre estas três realidades – paisagem, construção, ser humano – é hoje um verdadeiro desafio que se coloca a quem inventaria e recolhe, a quem estuda e a quem projecta.

Aflorar-se-á também uma questão que nos é cara, e que tem com a questão em apreço afinidades fortes – a relação entre paisagem e identidade local que, à semelhança do que Carolino e Pinto-Correia¹ fizeram para Castelo de Vide, deve articular os olhares distintos da Geografia e da Antropologia.

No contexto da Revisão do PDM da Maia encetou-se um trabalho de levantamento da arquitectura que desde o início se entendeu dever ser complementado com o estudo da paisagem e das pessoas.

Esta comunicação poderá ser assim um momento em que, apresentando-se alguns resultados concretos do estudo da articulação entre os vértices desse triângulo, se passe a uma

¹ CAROLINO, Júlia & PINTO-CORREIA, Teresa (2011) – “Paisagem material, paisagem simbólica e identidade no concelho de Castelo de Vide”, *Análise Social*, vol. XLVI (198), 2011, 89-113

troca de impressões e de experiências, quer quanto ao método quer quanto aos primeiros resultados.